

# UM GOLPE COMO O DE “KILL BILL” NO CAPITALISMO

SLAVOJ ŽIŽEK

A atual propagação da epidemia do coronavírus, desencadeou, por sua vez, vastas epidemias de vírus ideológicos que ficaram adormecidos em nossas sociedades: falsas notícias, teorias de conspiração paranoicas, explosões de racismo, etc. A necessidade de quarentenas, que é medicamente bem fundamentada, encontrou eco na pressão ideológica para estabelecer fronteiras definidas e para colocar em quarentena os inimigos que representam uma ameaça à nossa identidade.

Mas talvez outro vírus ideológico, muito mais benéfico, se espalhe e nos contagie: o vírus do pensamento em termos de uma sociedade alternativa, uma sociedade para além do Estado-nação, uma sociedade que se atualiza sob a forma de solidariedade e cooperação global. Ouve-se hoje com frequência especular que o coronavírus pode levar à queda do governo comunista chinês, tal como (como o próprio Gorbachev admitiu) a catástrofe de Chernobyl foi o acontecimento que desencadeou o fim do comunismo soviético. Mas há um paradoxo nisso, o coronavírus também nos força a reinventar o comunismo baseado na confiança nas pessoas e na ciência.

Na cena final do filme de Quentin Tarantino, “Kill Bill: Volume 2”, Beatrix derrota o malvado Bill e lhe dá a “técnica dos cinco pontos para explodir um coração”, o golpe mais mortal de todas as artes marciais. O movimento consiste numa combinação de cinco golpes com a ponta dos cinco dedos em cinco locais diferentes no

corpo do inimigo. Quando o inimigo se retira e dá cinco passos, seu coração explode dentro de seu corpo e ele cai irremediavelmente morto no chão.

Este ataque faz parte da mitologia das artes marciais, e evidentemente impossível de realizar em combate real mão-a-mão. Mas, no filme, depois da Beatrix o executar, Bill calmamente faz as pazes com ela, dá cinco passos e morre...

O que torna este ataque tão fascinante é o tempo que passa entre o momento do golpe e o momento da morte. Posso ter uma conversa normal desde que me sente em silêncio, mas estou sempre consciente de que no momento em que começo a andar, o meu coração explodirá e morrerei. Não é semelhante à ideia daqueles que especulam sobre como o coronavírus pode provocar a queda do governo comunista chinês? Como se fosse uma espécie de “técnica (social) de cinco pontos para explodir um coração” dirigida ao regime comunista do país; as autoridades podem sentar-se, observar e lidar com formalidades como quarentenas, mas qualquer mudança real na ordem social (como confiar nas pessoas) resultará na sua ruína.

A minha modesta opinião é muito mais radical. A epidemia do coronavírus é uma espécie de “técnica de cinco pontos para explorar um coração” destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical.

## **TRISTE REALIDADE: PRECISAMOS DE UMA CATÁSTROFE**

Anos atrás, Fredric Jameson chamou a atenção para o potencial utópico dos filmes sobre catástrofes cósmicas (um meteoro ameaçando a vida na Terra ou um vírus exterminando a humanidade). Tais ameaças globais, por sua vez, levam à solidariedade global, pois nossas pequenas diferenças tornam-se insignificantes e todos nós trabalhamos juntos para encontrar uma solução. E aqui estamos nós, na vida real. A questão não é desfrutar sadicamente da propagação do sofrimento enquanto ele serve a nossa causa, mas refletir sobre o triste fato de que precisamos de uma catástrofe para podermos

repensar as características básicas da sociedade em que vivemos.

O primeiro modelo, ainda vago, de tal coordenação global é a Organização Mundial da Saúde; da qual não estamos recebendo o típico disparate burocrático, mas avisos precisos anunciados sem pânico. Organizações como esta deveriam ter mais poder executivo.

Os céticos ridicularizaram Bernie Sanders por sua defesa da cobertura universal da saúde pública nos EUA, mas o coronavírus não nos ensina a lição de que precisamos ainda mais do que isso, que devemos começar a criar algum tipo de rede GLOBAL de saúde pública?

Um dia depois de Iraj Harirchi, vice-ministro da saúde do Irã, dar uma coletiva de imprensa minimizando o coronavírus e assegurando que não eram necessárias quarentenas em massa, ele fez uma breve declaração informando que ele mesmo tinha o coronavírus e que iria ficar isolado por um tempo (ele tinha mostrado sinais de febre e fraqueza desde sua aparição anterior na televisão). Harirchi acrescentou: “Este vírus é democrático e não faz distinção entre ricos e pobres, entre estadistas e cidadãos comuns”.

Nisto ele estava certo, estamos todos no mesmo barco. É difícil não perceber a tremenda ironia de que o que nos impulsiona a unir e a defender a solidariedade global se manifesta diariamente através de imposições rígidas para evitar a proximidade e o contato ou mesmo o auto-isolamento.

E não estamos apenas lidando com ameaças virais, podemos ver no horizonte todo tipo de outras catástrofes que estão chegando, ou já estão acontecendo diretamente: secas, ondas de calor, tempestades maciças, etc. Em todos estes casos, a resposta adequada não é o pânico, mas sim a ação urgente de estabelecer algum tipo de coordenação global e eficiente.

## **ESTAREMOS A SALVO APENAS NA REALIDADE VIRTUAL?**

A primeira miragem que precisa ser esclarecida é aquela formulada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante

sua recente visita à Índia, onde ele disse que a epidemia vai diminuir rapidamente e que só temos que esperar pelo pico do contágio e então a vida vai voltar ao normal.

Contra tais esperanças de uma solução fácil, a primeira coisa que devemos aceitar é que a ameaça está aqui para ficar. Mesmo que esta onda recue, ela reaparecerá em formas novas, talvez até mais perigosas. Por esta razão, podemos esperar que as epidemias virais afetem as nossas interações mais básicas com pessoas e objetos ao nosso redor, incluindo o nosso próprio corpo: evitar tocar em coisas que possam estar (invisivelmente) contaminadas, não nos apoiarmos em corrimões, não nos sentarmos em banheiros ou bancadas públicas, evitar abraçar ou apertar a mão das pessoas. Talvez até nos tornemos mais cuidadosos com nossos gestos espontâneos: não tocar nosso nariz ou esfregar os olhos.

Portanto, não só somos controlados pelo Estado ou outras instituições similares, como também devemos aprender a controlar e disciplinar-nos a nós mesmos. Talvez só a realidade virtual seja considerada segura, e só será permitido mover-se livremente nas ilhas pertencentes aos bilionários.

Mas mesmo aqui, ao nível da Internet e da realidade virtual, devemos estar conscientes de que, nas últimas décadas, os termos “vírus” e “viral” têm sido usados principalmente para se referir a ameaças digitais que infectam a rede e das quais não estamos conscientes até que o seu poder destrutivo (o poder de destruir os nossos dados e discos rígidos) seja libertado. O que vemos agora é um retorno massivo ao significado original, literal do termo vírus. As infecções virais atuam lado a lado, tanto na dimensão real como na virtual.

## **A VOLTA DO ANIMISMO CAPITALISTA**

Outro fenômeno estranho que pode ser observado nesta situação é o retorno triunfante do animismo capitalista, ou seja, tratar fenômenos sociais, como mercados ou capital financeiro, como se fossem organismos vivos. Se você ler a grande mídia, a impressão que você tem é que são os “mercados ficando nervosos” que deveriam nos preocupar, e não os milhares de pessoas que morreram e os

milhares que ainda não morreram. O coronavírus está perturbando cada vez mais o bom funcionamento do mercado mundial, e diz-se que o crescimento econômico está caindo em cerca de 2 ou 3%.

Não será tudo isto um sinal claro de que precisamos de uma reorganização da economia global para que ela não fique mais à mercê dos mecanismos de mercado? Claro que não estamos aqui falando de comunismo antiquado, mas simplesmente de algum tipo de organização global que possa regular e controlar a economia, bem como limitar a soberania dos Estados-nação quando necessário. Em outros momentos, os países têm sido capazes de fazer isso diante da ameaça de guerra, e agora todos nós estamos caminhando para um estado de guerra médica.

Além disso, não devemos ter medo de reconhecer alguns efeitos secundários potencialmente benéficos da epidemia. Um dos símbolos da epidemia são as imagens dos passageiros presos (em quarentena) em enormes navios de cruzeiro, o que me tenta a dizer que este é o fim da obscenidade de tais navios. Temos que cuidar para que viajar para ilhas distantes ou outros destinos nas férias não se torne novamente o privilégio de uns poucos ricos, como era há décadas atrás com as viagens aéreas. O coronavírus também afetou seriamente a produção de automóveis, o que não é tão mau, na medida em que pode induzir-nos a pensar em alternativas à nossa obsessão por veículos individuais. E a lista continua e continua.

Num discurso recente, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán disse: “Não existe tal coisa como um liberal. Um liberal é apenas um comunista com um diploma”.

E se a realidade fosse o contrário? E se chamássemos “liberais” aqueles que se preocupam com as nossas liberdades, e “comunistas” aqueles que sabem que só podemos salvar essas liberdades através de mudanças radicais num capitalismo global que se aproxima do seu próprio colapso? Então devemos dizer que aqueles que se reconhecem como comunistas são liberais com um diploma, liberais que estudaram seriamente porque os nossos valores liberais estão ameaçados e que perceberam que só uma mudança radical pode nos salvar.